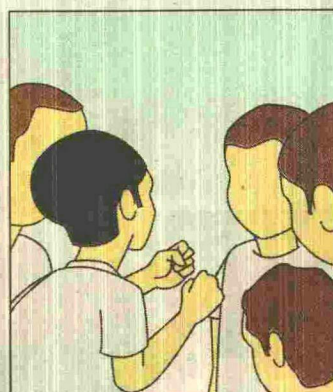
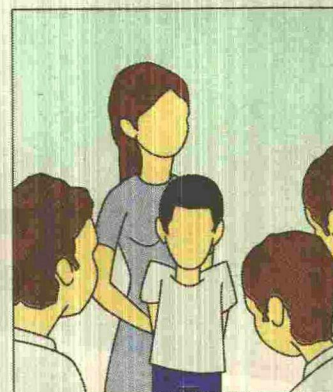


Aula de agressão

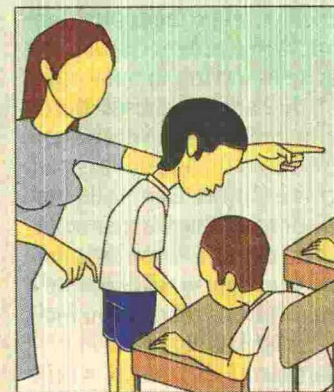
HUMILHAÇÃO



Manhã da última terça-feira. A aula na turma de educação infantil da Escola Classe 56, no Setor O de Ceilândia, começa de forma tumultuada. Um dos meninos, de 5 anos, briga com vários colegas depois de jogar lápis contra alguns deles.



A professora chama a criança na frente da sala, segura os braços dela por trás e, segundo relato dos próprios alunos, pede que o restante da turma bata no rosto do menino. Pelo menos sete colegas, de acordo com o garotinho, fizeram roda em torno dele e o atingiram com tapas.



A professora repreende o aluno dizendo que ele não pode bater nos colegas. Depois, o menino volta para a carteira e a aula é retomada. A história veio à tona durante a noite, quando o menino relatou o episódio à mãe. Outras três crianças confirmaram a versão.

Reconstituição baseada no depoimento dos alunos

Leandro Mello/Esp. CB/D'A Press

DIEGO AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

O menino de 5 anos agredido e humilhado em sala de aula criou aversão àquela mulher que tinha a missão de educá-lo. Foi a própria professora quem, segundo ele, o segurou para que colegas de turma batessem em seu rosto. “Não gosto mais dela. Não quero saber dela nunca mais”, disse o garoto banguela, de olhos verdes, cabelos castanhos e lisos. Na frente dos coleguinhas, ele não derramou uma lágrima. Em casa, caiu no choro ao contar para a mãe o que ocorrera na manhã da terça-feira na Escola Classe 56 de Ceilândia, no Setor O. “Meu coração de mãe dói. A dor é grande. É como se fosse comigo”, desabafou a servidora pública Rejane Vieira Urani, 36 anos.

Aagitado, o menino contou ontem ao **Correio** que brigava com alguns colegas no momento em que a professora o chamou para a frente da sala. A aula estava no início. E a confusão teria começado porque o garoto jogou um lápis contra outras crianças. “Aí ela (a professora) me segurou assim (com os braços para trás) e todo mundo fez uma roda e ficou batendo na minha cara”, relatou. A turma tem 28 crianças. Pelo menos sete delas teriam dado tapas no garoto.

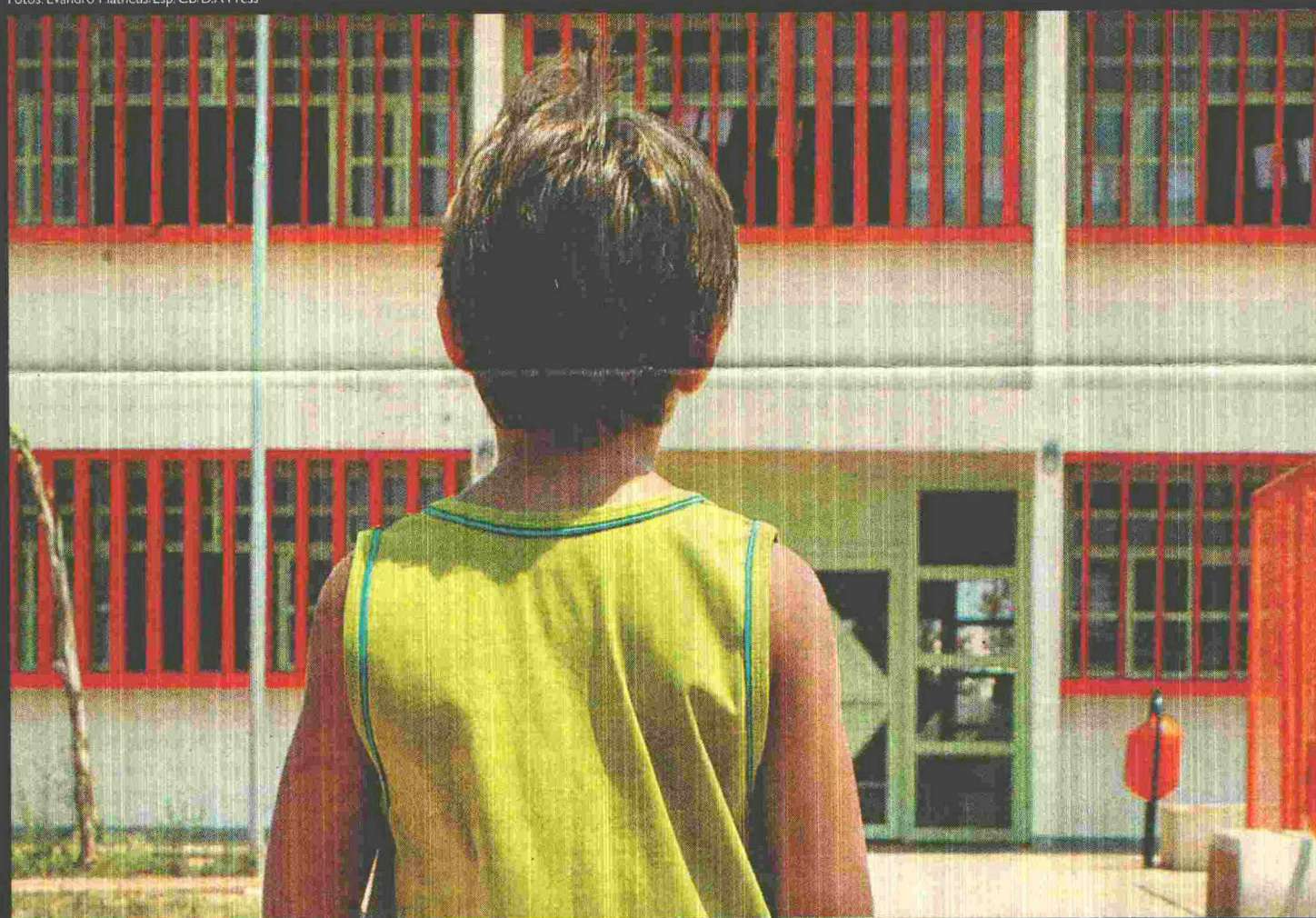
Assim que soube da denúncia, a Secretaria de Educação demitiu a professora Elizabeth Barros. “Rescindimos o contrato temporário. Ela não será mais chamada enquanto esse concurso estiver em vigência”, relatou o secretário de Educação, José Luiz Valente. Ele acrescentou que foi feita uma queixa à polícia, ao Conselho Tutelar e à Vara de Infância. Elizabeth acompanhava a turma desde março, quando a escola foi reinaugurada. Há na rede pública do DF 4.958 professores temporários. Na regional de Ceilândia, são 1,1 mil.

A reportagem tentou ouvir Elizabeth. A diretoria da escola e a Regional de Ensino de Ceilândia disseram que não poderiam fornecer telefone e endereço da profissional. Informaram que entrariam em contato com ela e passariam os números da redação do jornal. E que, se ela quisesse, retornaria. Não houve resposta. O Sindicato dos Professores também foi acionado, mas Elizabeth não está inscrita na entidade.

Medidas disciplinares

Por enquanto, outras três crianças da sala confirmaram a versão do menino agredido. A 24ª

Fotos: Evandro Matheus/Esp. CB/D'A Press



DEPOIMENTO

“Eu estava batendo nos meus colegas. Aí ela (a professora) me segurou assim (com os braços para trás) e todo mundo fez tipo uma roda e ficou batendo na minha cara. Teve uma menina que riu de mim. Eu tentei me soltar. Mas não senti dor, só queria bater também. (...) Não gosto mais dela (da professora). Ela é muito chata e grossa. Eu acho é bom que ela saia da escola. Não quero saber dela nunca mais.”

Delegacia de Polícia (Setor O) investiga o incidente. A diretora da regional de ensino de Ceilândia, Ana de Fátima Dias, informou ao **Correio** que Elizabeth confessou ter ficado nervosa com o garoto e, por isso, tomou “medidas disciplinares”. “Se for confirmado, é algo que não pode acontecer de forma alguma. A mãe tem toda razão de estar revoltada”, comentou Ana.

A professora Elizabeth chorou muito ao conversar na manhã de ontem com a diretora da escola, Luiza Brito, e com a mãe do aluno. No fim da tarde, uma funcionária do colégio disse que a professora passou mal ao longo do dia e teve de ser hospitalizada.

A coordenadora pedagógica da Escola Classe 56 assumiu o lugar de Elizabeth na turma de educação infantil, até que outro professor seja contratado. “A gente lamenta o ocorrido. Ela é uma excelente professora. Foi uma atitude momentânea de perda de controle”, ponderou. A ela, a professora confessou ter segurado o garoto, mas negou que tenha incitado a violência.

Se confirmada a versão do garoto, Elizabeth não poderá mais atuar na rede pública de ensino. O inquérito policial deve ficar pronto até a semana que vem. Antes, o delegado titular da 24ª



REJANE, MÃE DO MENINO, NÃO DESCARTA TROCAR O FILHO DE ESCOLA

DP, Vivaldo Neres, ouvirá a professora, que pode responder pelo crime de maus-tratos. “Ela expôs a criança ao perigo”, avaliou Neres. Se condenada, Elizabeth pode pegar até um ano de prisão.

A mãe do garoto está informada: “Uma professora não pode fazer isso, não pode. Nada justifica. É absurdo”. A informação chegou a ela na noite de terça por meio do pai de um colega de turma do filho. “Se a professora fez isso com o filho

dela, poderia ter feito com o meu”, ressaltou o pedreiro Weliton Jesus Ferreira, 32 anos.

A irmã do menino, Júlia Stephanie da Silva, 17 anos, atendeu a ligação e imediatamente avisou à mãe, que ainda estava no trabalho: “Ela ficou besta no telefone, não acreditou”. Aos prantos, Rejane largou o serviço e voltou para casa mais cedo. Rejane ainda não sabe se mudará o filho de escola. Dependerá da vontade do garoto.